

QUEM DEVE TEMER BRUXAS E MADRASTAS? RELENDO O DISCURSO MASCULINO NOS CONTOS DE FADAS

Lívia Maria de Oliveira (CAPES/UFU)¹
livia_oliveira08@yahoo.com.br

RESUMO: O medo se faz presente em muitas narrativas da tradição oral que tinham como base ensinar uma lição, assustar ou alertar as crianças sobre os perigos que poderiam encontrar em seu caminho. Dentre as histórias da oralidade, os medos se relacionavam à floresta, à morte, ao falar com estranhos, ao não ter o que comer, à possibilidade de serem comidos e abandonados pelos pais. Como representação desse medo nos contos de fadas tradicionais, temos a figura das madrastas, das bruxas, dos lobos e/ou dos ogros devoradores. Nas versões contemporâneas, o medo e o pavor causados tanto pelas madrastas quanto pelas bruxas são subvertidos. No entanto, nas narrativas tradicionais essas duas personagens femininas estão sob o comando do discurso masculino, mas algumas diferenças são fundamentais. Para esse trabalho, propomos as seguintes questões: quem deve temer as bruxas e as madrastas? Elas são representações do mal e do medo para as princesas indefesas e o imaginário infantil ou para o discurso masculino pela possibilidade de seus significados serem minados? As tentativas de respostas para essas questões se basearão nos estudos de Jennifer Waelti-Walters (1981) e Marina Warner (1999), considerando que as experiências relatadas pelos contos de fadas quanto a essas duas figuras nos remetem à necessidade de reavaliar tais narrativas, a fim de que o desenho gravado na memória, em relação à figura feminina de poder enquanto representação do medo, seja questionado e reconsiderado, dentro de um processo de “revisão” (RICH, 1985).

PALAVRAS-CHAVE: Contos de fadas. Representação do mal. Representação do medo. Madrastas. Bruxas.

O medo se faz presente em muitas narrativas da tradição oral que tinham como base ensinar uma lição, assustar ou alertar as crianças sobre os perigos que poderiam encontrar em seu caminho. Dentre as histórias da oralidade, os medos se relacionavam à floresta, à morte, ao falar com estranhos, ao não ter o que comer, à possibilidade de serem comidos e abandonados pelos pais.

Como representação desse medo nos contos de fadas tradicionais, temos a figura das madrastas, das bruxas, dos lobos e/ou dos ogros devoradores. Esses personagens são capazes de amedrontar as personagens protagonistas, em sua grande maioria princesas indefesas, atribuindo-lhes duras penas, tarefas impossíveis e condições subumanas. Nas versões contemporâneas, o medo e o pavor causados tanto pelas madrastas quanto pelas bruxas são subvertidos.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (UFU).

De acordo com os historiadores, foi no mundo celta que nasceu o conceito de fada, bem como seu inverso, representado pela bruxa. Enquanto seres maravilhosos, dotados de poderes sobrenaturais, caracterizam-se pela oposição. Quando encarnadas pelas forças do bem eram consideradas fadas, mas quando estas eram encarnadas pelas forças do mal davam origem às bruxas.

Enquanto aquelas que representam o bem, as fadas, a partir da cristianização do mundo ocidental, aparecem como mediadoras entre amantes separados e entre os humanos e a felicidade que almejam, como é o caso de Cinderela, cuja fada madrinha possibilita sua ida ao baile, consequentemente despertando o interesse do príncipe. Já a caracterização das bruxas ocorre por meio de um papel de destruição e infelicidade. Possuindo um papel contrário ao das fadas, são invejosas, ambiciosas e separadoras de amantes. Além disso, são mulheres feias, velhas, corcundas, se vestem com roupas de tons escuros e sombrios, geralmente com uma verruga no nariz – visivelmente fora dos padrões de beleza observáveis nas fadas e nas princesas protagonistas. As bruxas, claramente, simbolizam a força perversa do poder. E esse poder, como veremos adiante, é aquele marcado pelo discurso masculino do patriarcado.

É comum as bruxas das narrativas tradicionais dos contos de fadas se abrigarem nas florestas ou bosques. São ambientes repletos de mistério e possuem uma relação simbólica com o medo real da floresta (LEXIKON, 1997, p. 99). Além disso, as bruxas foram caçadas a partir do século XV, atingindo o auge nos séculos XVI e XVII na Europa. Nesse contexto, as pessoas acreditavam que as mulheres ligadas ao sobrenatural e ao demônio eram capazes de desvirtuar os homens. Assim sendo, a mulher vinha sendo domesticada e os contos de fadas, enquanto narrativas de ensinamento, eram um suporte possível para essa domesticação feminina.

Outra personagem que merece destaque na representação do mal e do medo nos contos de fadas é a madrasta. A viuvez era uma situação comum no século XVII e representava cerca de 10% da população europeia, entre os séculos XVI e XVII. Essas mulheres viúvas eram consideradas bruxas, visto que a ausência de um marido e a impossibilidade de sua domesticação inclinavam-nas às tentações do demônio. Eram mulheres mais velhas, consideradas experientes e perversas, além de megeras e perigosas. Assim, a idade e a condição de viúva tornavam a mulher um símbolo de destruição.

Warner (1999) afirma que logo no início das narrativas clássicas a mãe boa é retirada de cena, devido à morte como consequência do parto. As histórias nas quais as mães conseguem, de algum modo, ainda que sobrenatural, retornar à vida não ganharam

tanta visibilidade quanto aquelas em que a mãe é substituída por uma madrasta. Assim, “em todo o mundo, histórias centradas numa heroína, uma jovem que sofre uma longa provação antes de sua redenção e triunfo, frequentemente escalam mulheres como as agentes do seu sofrimento” (WARNER, 1999, p. 234).

Nesse sentido, consideramos a figura feminina nos papéis daquela que sofre, daquela que provoca o sentimento e daquela que narra – por exemplo, a suposição, por Charles Perrault, de uma Mamã Gansa enquanto narradora das histórias:

Num nível mais profundo, atribuir a mulheres testemunhos sobre erros e enganos femininos aumenta o valor desses testemunhos: pode ser previsível que os homens achem as mulheres frívolas, vorazes, egoístas, cruéis e libidinosas, mas se as mulheres dizem tais coisas sobre elas mesmas, então não restam dúvidas. O que algumas mulheres dizem contra outras pode ser proveitosamente voltado contra todas elas (WARNER, 1999, p. 242).

A partir do momento em que os autores deixam de considerar sua voz direta na narrativa e colocam a voz de uma mulher, como é o caso da Mamã Gansa, confiabilidade e autenticidade são atestadas ao conto. No entanto, Warner (1999) questiona o propósito dessas supostas narradoras de darem continuidade à difamação do próprio gênero feminino através de papéis perigosos, assustadores, cruéis e desprovidos de atuação maternal, enquanto proteção e abrigo de um mundo marcadamente masculino.

Quanto à ausência maternal logo no começo do texto tradicional, consideramos que

o desaparecimento das mães originais nesses contos é uma reação à brutalidade do material: em seu idealismo romântico, os Grimm literalmente não toleravam que uma presença materna fosse equívoca ou perigosa, e preferiram bani-la completamente. Para eles, a mãe má precisava desaparecer para que o ideal sobrevivesse e permitisse que a Mãe florescesse como símbolo do eterno feminino, a terra natal, e a família em si como o mais elevado desiderato social (WARNER, 1999, p. 244).

No entanto, esses estereótipos em relação às figuras femininas nos contos de fadas e, em especial, às mães e às madrastas desconsideram, em sua abordagem, a História, a qual revela evidências importantes e específicas da sociedade em que o conto surgiu. Considerando as condições específicas da sociedade, Warner (1999, p. 245-6) afirma que

a mãe ausente pode ser lida literalmente como sendo exatamente isso: um traço da família anterior à nossa era moderna, quando a morte no parto era a causa mais comum de mortalidade feminina e os órfãos sobreviventes acabavam sendo criados pela sucessora da mãe. [...] Quando a segunda esposa chegava à casa, frequentemente envolvia-se, ela e seus filhos, numa competição – muitas vezes devido à escassez de recursos – com a prole remanescente do casamento anterior.

Partindo de um lugar de mãe boa para seus filhos e tendo que se tornar, ao mesmo tempo, madrasta, a perversidade a acomete, uma vez que sua relação com os filhos remanescentes do casamento anterior do marido revela “diferentes tipos de sistema de parentesco e de ambiente familiar, resultantes da patrilinearidade, das obrigações dotais, da exogamia feminina, da poligamia” (WARNER, 1999, 246). Considerando a segurança que os maridos podiam proporcionar naquele tipo específico de sociedade, qualquer instância que pudesse ameaçar tal segurança necessitava ser combatida – no caso, as madrastas veem as filhas remanescentes como suas rivais e, assim, lutas são travadas.

No caso das mães e madrastas, não é propriamente a falta da mãe que nos inibe e amedronta por meio da figura da madrasta, mas é justamente a ausência de todos os sentimentos de amor e cuidado representados pela figura materna. A ela resta o papel de severa, obsessiva, displicente, raivosa e vingativa. Nesse sentido, ela é a antagonista da mãe em todas as suas formas possíveis.

É recorrente nos contos de fadas tradicionais o temperamento perverso da madrasta, que cria situações para sobrecarregar a enteada de serviços pesados, humilhantes, afastando-a da sua real condição de princesa-rainha. Em outras situações, cria estratégias para abandonar ou aniquilar a enteada. Nessa relação entre as duas personagens femininas, a madrasta é desenhada como determinada, chegando a ser insistente, não desistindo até que seu intento seja realizado.

Ligada a essa domesticação feminina, a dualidade ou o maniqueísmo é recorrente nos contos de fadas e, de acordo com Bruno Bettelheim (2000), essa divisão facilita a compreensão de valores básicos da conduta humana e do difícil convívio social. No entanto, o que nos chama a atenção é que a ênfase da dualidade ou maniqueísmo recai em figuras femininas. Apesar de presentes, homens representando o bem e o mal nos contos de fadas são menos visíveis do que mulheres que encarnam esses papéis.

Atrelado a isso, recordamos que os contos de fadas, enquanto gênero literário, consolidaram-se dentro de um discurso marcadamente masculino e isso traz implicações importantes para as bruxas e madrastas enquanto figuras do mal causadoras de medo nos demais personagens da narrativa e para o imaginário infantil:

[...] nosso entendimento da vilã corriqueira, a madrasta perversa, foi perigosamente atenuado e até mesmo distorcido. Nas histórias, ela pode até mesmo não ser uma madrasta, e o mal que causa não é intrínseco à sua natureza, ou à relação maternal severa, ou a sua posição particular na família. Não pode e não deve ser estendido a todas as mulheres, pois brota da insegurança de seus interesses em um contexto social e legal que pode ser transformado e corrigido (WARNER, 1999, p. 270).

“E essa é a posição da mulher na sociedade. Os homens estabeleceram a linguagem; as mulheres se encontram capazes de se enxergarem apenas em termos daquilo que os homens as fazem significar”, afirma Waelti-Walters (1981, p. 79, tradução nossa)², em “On witches: power, sexuality and language”. Assim, as relações de poder entre gêneros são evidenciadas, uma vez que histórias como os contos de fadas atestam que os homens ditam o poder que pode ser dado à mulher.

Contos de fadas, como “Branca de Neve”, “não ajudam garotas a alcançar autonomia da mesma forma que ajudam os garotos. Pelo contrário, eles colocam as garotas para trás” (WAEELTI-WALTERS, 1981, p. 7, tradução nossa)³. No entanto, quando há rejeição do papel dado através da consciência do sujeito, a personagem feminina é considerada histérica ou má. Representam o medo por sua caracterização e por suas ações, mas também simbolizam o medo dos homens em relação à união feminina:

A bruxa é perigosa, ela tem a vontade e o poder de mudar seu entorno e todos os que se encontram dentro de seu reino. Ela, portanto, deve ser temida, porque ela é experiente [...]. Qualquer mulher que fala, que tem controle sobre sua situação e sobre as vidas de seus filhos, que faz escolhas e as carrega com autoridade, que reconhece e cumpre seu próprio desejo, é quase certo de ser considerada inconveniente pelos homens ao seu redor, e corre um grande risco de ser rotulada excêntrica ou louca por eles, que tentam diminuir sua esfera de influência, minar sua força e confiança e evitar que seu discurso seja ouvido (WAEELTI-WALTERS, 1981, p. 81, tradução nossa)³.

Sendo uma mulher de poder e de palavra, a bruxa precisa ter seu discurso ofuscado, pois representa uma ameaça à dominação masculina, visto estar consciente do que quer e estar apta a conseguir qualquer coisa. Por toda essa representatividade, as bruxas são banidas dos finais dos contos de fadas tradicionais, porque são modelos inaceitáveis na sociedade patriarcal. Assim, evidencia-se o comportamento da princesa, em rejeição à forma de mulher independente da bruxa.

² No original: “And that is the position of women in society. Men have set up language; women find themselves able to see themselves only in terms of what men have made then mean” (WAEELTI-WALTERS, 1981, p. 79). ³ No original: “[...] do not help little girls to achieve autonomy in the way they help boys. On the contrary they hold girls back” (WAEELTI-WALTERS, 1981, p. 7)

³ No original: “The witch is dangerous; she has the will and the power to change her surroundings and all who find themselves within her realm. She is, therefore, to be feared because she is knowledgeable [...]. Any woman, then, who speaks out, who thus has control over her situation and over her children's lives, who makes choices and carries them out with authority, who recognises and fulfills her own desire, is almost certain to be found inconvenient by the men around her, and runs a great risk of being labelled eccentric or mad by them, as they attempt to diminish her sphere of influence, undermine her strength and confidence and prevent her speech from being heard” (WAEELTI-WALTERS, 1981, p. 81).

Nesse sentido, questionamo-nos: quem deve temer as bruxas e as madrastas? São representações do mal e do medo para princesas indefesas e imaginário infantil ou para o discurso masculino pela possibilidade de seus significados serem minados? Por que essa necessidade de tensões e rivalidades femininas? Para essas questões, Warner (1999, p. 271) afirma que

as experiências que essas histórias [os contos de fadas] relatam minuciosamente são experiências femininas recortadas e vividas, não invenções fantásticas vindas das profundezas da psique; estão enraizadas na história social, legal e econômica do casamento e da família, e possuem toda a atualidade nua do real e o poder que a vida real tem de corroer a psique e nela gravar seu desenho.

Revela-se, com isso, que as representações das personagens femininas são criações sociais, ideológicas e discursivas interessadas em manter um padrão masculino dominante. A mãe boa que morre no começo da narrativa e a bruxa e madrasta que causam medo são modelos construídos a esse propósito patriarcal, pois são imagens de fraqueza feminina e de poder feminino (Waelti-Walters, 1981). Além disso, a distinção, como apontado, se estende na comparação entre princesas e bruxas:

A máscara de princesa é aplicada pela força e a da mulher independente rejeitada sob a forma de bruxa. O mito da fragilidade feminina é reforçado e tornado mais atraente pelos homens para distrair as mulheres do potencial inerente ao mito do poder feminino. Mulheres são divididas mais e mais profundamente pela imagem que elas são forçadas a viver, os papéis frustrantes e aprisionados que a sociedade cria para elas (Waelti-Walters, 1981, p. 88, tradução nossa)⁴.

O homem se apropria do poder da mulher e é através da ação masculina que é dada a ela uma função no sistema. É o príncipe que a traz para a vida e para o casamento. Assim a história termina e para descobrir o que acontece com essa jovem que acaba de se casar, Waelti-Walters (1981) diz ser preciso apenas ler a história novamente, pois ela está no começo, sendo a mãe morta da próxima protagonista heroína.

As personagens femininas estão sob o comando do discurso masculino, mas algumas diferenças são fundamentais:

A distinção entre uma bruxa e uma madrasta parece ser a de que a madrasta trabalha para os homens dentro do sistema deles enquanto a bruxa está de fora. Ela está consciente do que quer e é capaz de obtê-lo – e para isso ela é punida no final da história porque ela não é um modelo aceitável em uma sociedade

⁴ No original: “The princess mask is applied by force and the independent woman rejected in the form of the witch. The myth of female weakness is strengthened and made more attractive by men to distract women from the potential inherent in the myth of female power. Women are divided more and more deeply by the images they are forced to live up to, the frustrating, imprisoning roles society creates for them” (Walters, 1981, p. 88).

machista. Muito independente e capaz, ela é uma ameaça potencial e deve ser suprimida (WAELTI-WALTERS, 1981, p. 81, tradução nossa)⁵.

Reforçamos com isso que quem deve temê-las não são as princesas e o imaginário infantil, mas o próprio discurso masculino que embasa tais histórias, pois a bruxa é uma personagem subversiva.

Nesse sentido, as experiências relatadas pelos contos de fadas frente às figuras femininas e, principalmente, às relações de união estabelecidas entre elas, características de um contexto histórico-social particular, remete-nos à necessidade de reavaliar tais narrativas, a fim de que o desenho gravado na memória, em relação à figura feminina de poder enquanto representação do medo, seja questionado e reconsiderado, dentro de um processo de “revisão” (RICH, 1985).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LEXIKON, Herder. Dicionário de Símbolos. Trad. de Erlon Paschoal. São Paulo: Cultrix, 1997.

RICH, Adrienne. When We Dead Awaken: Writing as Re-vision. In: GILBERT, Sandra M.;

GUBAR, Susan (Ed). The Norton Anthology of Literature by Women: The Tradition in English. New York: W.W. Norton, 1985. p. 2044-56.

WAELTI-WALTERS, Jennifer. “On Princesses: Fairy Tales, Sex Roles and Loss of Self”. In:

International Journal of Women’s Studies 2. 1981.

WARNER, Marina. Da Fera à Loira: sobre contos de fadas e seus narradores. Tradução de Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

⁵ No original: “The distinction between a witch and a step-mother seems to be that a step-mother works for men within their system while a witch is outside it. She is aware of what she wants and able to get it – and for this she is punished at the end of the story because she is not an acceptable model in a male-oriented society. Too independent and capable, she is a potential threat and must be suppressed” (WALTERS, 1981, p. 81).